

DEPOIMENTO DE ABEL SALAZAR

A evolução da Arte é função da evolução histórica geral; as leis da Arte integram-se no conjunto das leis históricas gerais.

Mas nós não conhecemos senão por uma forma muito grosseira e blocal estas leis; os «rítmos» de Deonna são apenas uma rápida visão de conjunto. Por forma que, actualmente, é absolutamente impossível tóda e qualquer previsão objectiva precisa sobre a futura evolução da Arte.

Apenas poderemos dizer que, se a Crise actual é uma Crise de Decadência—não do sistema Greco-Europeu, mas do actual Sistema elementar—a arte seguirá uma curva decrescente; se é uma Crise de Crescimento, seguirá uma curva ascendente. Notemos uma vez mais, à leia de paréntesis, que «Crise de Decadência» não se refere à Humanidade, nem mesmo ao grande Sistema histórico

[Egípcia-Grecia-Roma-Europa] mas apenas e somente ao actual Sistema Europeu; e que assim, conforme o sistema de referência, uma Crise de Decadência referente a um sistema pode ser uma Crise de Crescimento referente ao outro.

Tendo já exposto nesta revista os meus pontos de vista sobre o assunto, não os reproduzo aqui. No que diz respeito à Arte resumirei a questão dizendo: a arte actual encontra-se historicamente em decomposição e, nesta decomposição, aparecem os germens da arte futura—a qual porém só poderá definir-se num futuro Sistema Histórico, sucedâneo do actual.

Importa chamar aqui a atenção para o facto, historicamente averiguado, da interferência dos sistemas, segundo a qual os germens do Sistema histórico futuro aparecem muito precocemente no Sistema em decomposição,

como foi representado num gráfico publicado neste mesmo quinzenário.

As opiniões de Ozenfant e de Berni, publicadas no «Sol Nascente», parecem-me justas, mas com um ponto de visão extremamente limitado. Porque a Arte tem de exprimir o futuro Sistema Histórico, como exprimiu os do passado, por uma forma complexa e integral. E como não podemos definir o que possa vir a ser esse Sistema, pelas razões já apontadas, não podemos igualmente definir a Arte, seu expoente.

No momento actual há, pois, formas e correntes da arte que representam a continuação do passado, formas de reacção, como o chamado «in-grismo», e os germens da fu-

tura fórmula a definir. Estes germens são numerosos e seria curioso estudá-los, o que não podemos fazer aqui. Diremos apenas que existe, nos actuais fluxos e refluxos das correntes artísticas, um paralelismo manifesto com as correntes do pensamento geral e da literatura—o que é, de resto, natural.

Se não podemos definir objectivamente a arte futura podemos, pelo contrário, definir até certo ponto, as impressões pessoais, as perplexidades e o mal-estar de cada um, como artista:—e, como tal, expoente inconsciente do momento em que estamos integrados, e que não podemos abarcar na sua complexidade. Mas como essa exposição seria complicada e me levaria muito longe, findo aqui a minha resposta ao inquerito.

S Ô B R E A C U L T U R A

E' a cultura uma noção algo ambigua e imprecisa. Bastante empregada por certos poetas e prosadores—ou ela não fôsse um belo ornamento de macilentos escabichadores do puro espirito!—; defendida quer por gregos quer por troianos; são raros porém os que fazem um esforço sério de penetração dessa importantíssima realidade de valor.

Nestes breves ensaios propomo-nos principalmente reunir dados dispersos e onde for possível acrescentar alguma coisa a esses dados de modo que se clarifique e precise bem o sentido da cultura. Antes de prosseguir, porém, quero fazer notar a alguns que este esforço de clarificação e precisão é resultado de uma necessidade de clarificação e de precisão, e de modo algum do simples gosto pelas coisas claras e precisas.

E' curioso observar, antes de mais nada, que grande parte da confusão que reina no que respeita à cultura é precisamente da responsabilidade daqueles que pretendem ser os seus representantes fiéis e os defensores da sua pureza e castidade.

Refiro-me de novo aos macilentos habitantes do puro

espirito e à sua concepção da cultura como algo divino e extra terreno, como eterno e ultra humano.

Para afastarmos as confusões desta origem não há como tomarmos a cultura tal como ela aparece a quem queira ver e compreender.

A cultura não é algo abstracto. Não existe a cultura—*tout court*. Existe a cultura de uma dada sociedade numa dada época. Existe a cultura concomitante com um dado estádio da relação dual homem—natureza, e com o desenvolvimento técnico-económico-social que lhe corresponde. Do mesmo modo, não existe representante algum da cultura abstractamente considerada; existe a cultura de um individuo com uma dada conformação somático-psíquica (com um estômago dado, com um dado coração, ou um dado cérebro, com umas dadas secreções normais e outras deficientes) metido numa dada ambiência familiar e social com estes ou aqueles amigos.

A cultura é pois algo concreto, algo relativo a uma dada formação social e a uma dada época. Isto mesmo se aplica de resto àquela parte da cultura onde menos seria de esperar, ou seja a ciência, estafado cavalo de batalha, do intelectualismo de direito di-

vino. Vejamos por exemplo uma das ciências mais abstractas:—a Física Moderna. Numa série de artigos sobre a Relatividade Restrita recentemente publicados na «Seara Nova» pelo prof. Rui Luiz Gomes este simpático prof. depois de nos dar uma definição de *relógio* ou *cronómetro* acrescenta: «Nos termos desta definição, o tipo do cronómetro—a medida do tempo—anda directamente ligada ao grau de precisão com que seja legítimo afirmar que certo fenómeno—o fenómeno implicito na própria medida do tempo—se repete periodicamente; e como, por outro lado, a legitimidade de uma afirmação dessa natureza, isto é, a garantia do seu conteúdo, só pode resultar das condições físicas que acompanham o estudo desses mesmos fenómenos, concluímos que a noção de tempo—*tempo conceito físico mensurável*—está estreitamente ligada à evolução da própria física. O cronómetro tipo de um dado momento de física, será a melhor realização (com grau de aproximação dessa mesma época) do fenómeno de repetição periódica.

Mas como essa melhor realização implica determinado estudo—uma teoria determinada—do fenómeno correspondente, é manifesto que cada época

pressupõe já um certo tipo de cronómetro que, por sua vez permite a construção de um ou outro em melhores condições de aproximação.

Não se pode evidentemente suspeitar de «parti-pris» da parte do prof. Rui Luiz Gomes. Assim pois, a Física Moderna que mostrou os conceitos de espaço absoluto e tempo absoluto como insustentáveis por falhos de base física possível, falhos de sentido e que levou à pulverização completa do realismo ingénuo, leva-nos também a abandonar a interpretação intelectualista da cultura como valor universal.

—Quanto à atitude intelectualista nada há nela também que valha a pena conservar.

A sua ultra humanidade redunda em inhumanidade. A sua extra terrealidade não é mais do que a justificação do abandono cobarde dos homens nas lutas e nas dores do mundo—únicas lutas e únicas dores por que vale a pena sacrificar o bem estar e a vida. O seu divinizmo e a sua eternidade são afinal o seu gozo egotista em olhar sobranceiramente—como deus ou tirano—o homem do mundo e da terra com as suas ocupações e preocupações terrenas e humanas.

DIAS E CASTRO